

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO IV Nº 10 VIANA-MA, AGOSTO DE 2005



Editorial

AS MEMÓRIAS VIANENSES

Nos últimos anos vêm se propagando os livros publicados por autores vianenses sobre suas memórias, a começar por *Do Alto da Matriz*, de Lourival Serejo. Seguiram-se os livros *70 Anos*, de João Cordeiro Mendonça e os estudos genealógicos de José Henrique Carvalho, além de outros que estão sendo elaborados.

Antes desses, destacavam-se apenas *História de um Menino Pobre*, de Sálvio Mendonça e *Minha Vida Minha Luta*, de Travassos Furtado.

Agora, mais um volume vem se acrescentar a essa bibliografia da memorialística vianense, o livro de Heitor Piedade Júnior, *A Casa de Seu Gegê*.

Heitor Piedade Júnior é um vianense ilustre que reside no Rio de Janeiro, mas nunca perdeu sua identificação com esta terra, com seus problemas e sua poesia. Com certeza, sua obra trará uma contribuição importante para nossa história, mesmo não sendo um trabalho de historiador.

Todas essas iniciativas devem ser recebidas com louvor pelos vianenses que, em retribuição, devem se preocupar em adquirir tais volumes para tomarem conhecimento de elementos da nossa história. As memórias são experiências individuais relembradas que marcaram uma época dos autores. São fatos relevantes que não devem ser esquecidos para não perdermos nossa identidade.

É lamentável a falta de incentivo e o desinteresse da população em adquirir esses livros, que deveriam estar presentes nas escolas do município para serem objeto de leituras em classe.

Para as novas gerações de vianenses, que não viveram esses períodos recordados pelos seus autores, é importante tomar conhecimento de fatos que se passaram em nossa cidade, os quais trazem respostas a muitos costumes nossos e justificam nossos procedimentos.

Para Afonso Arinos, o que é peculiar ao gênero literário das memórias é que a reconquista do vivido não é somente um trabalho de restauração, mas sobretudo um esforço de renovação.

Com as memórias, restaura-se o passado e com ele as experiências para renovar-se o presente, pois só com o conhecimento de nossa história podemos evitar erros futuros.

A Academia Vianense de Letras apresenta hoje a maior incentivadora para tais publicações, principalmente quando os autores estão no quadro dos seus membros. Viana não pode perder sua memória e as memórias de cada vianense confundem-se com as próprias memórias da nossa terra.

CASARÃO DE AZULEJOS DO SR. BIBI SILVA



Situado na antiga Praça Duque de Caxias, este casarão, revestido de azulejos coloniais portugueses, pertencia originalmente ao Sr. Augusto Veloso. Nessa época, a casa serviu de palco para o casamento, no civil e religioso, do famoso Maestro Miguel Dias com a Srt^a. Mariana Araújo. Depois o prédio foi comprado pelo Sr. Luis Cunha e, posteriormente, passaria para a propriedade do Sr. Mundiquinho Borges, quando ali aconteceriam festas e bailes monumentais realizados pela sociedade vianense.

Com a chegada do Sr. Januário Sena, transferido de São Luís para assumir o cargo de telegrafista em Viana, o Correio mudou-se para esse prédio, que servia também de residência para o Sr. Januário e família.

Bem mais tarde, quando houve novamente a junção do Correio com o Telégrafo e construído o prédio próprio na Praça da Prefeitura,

o imponente casarão seria comprado pelo Sr. Bibi Silva que igualmente nele residiria com sua família por vários anos.

Curiosamente, o imóvel era revestido por dois tipos de azulejos: toda sua frente e parte da lateral possuíam azulejos parecidos com os que hoje existem na fachada superior do prédio do Colégio Manoel Soeiro. O restante da parede lateral apresentava azulejos verdes iguais aos do Cartório de Dádica Barros.

Abandonado por alguns anos, já em ruínas, o velho casarão se transformaria em mais um alvo fácil para a insana destruição e completa falta de respeito à memória da cidade. No final da administração do Sr. Batista Luzardo, em dezembro de 1981, mas com a autorização do prefeito recém-eleito para o mandato seguinte, o prédio foi demolido para doação de seus tijolos à população local.

AUDIÊNCIA COM RILVA LUÍS

Na tarde de 27 de maio último, a Academia Vianense de Letras teve uma reunião informal com o prefeito Rilva Luís. No encontro, o novo prefeito pode expor aos membros da AVL suas metas e principais projetos para a administração do município, nos três anos vindouros. Em destaque, além da promessa de concentrar esforços na resolução dos problemas de saneamento básico da cidade, Rilva e seu secretário de Comunicação, Augusto Marques, mostraram-se já empenhados no esboço do que seria a programação festiva e cultural comemorativa dos 250 anos de Viana, em 2007.

A AVL, por sua vez, depois de colocar-se à disposição da prefeitura para qualquer ajuda eventual, fez um ligeiro resumo do trabalho desenvolvido nos três anos de sua existência em prol da cultura vianense. Através de seu presiden-



Maria de Fátima Travassos Cordeiro, João Cordeiro, Kalil Mohana e Rosa Maria Pinheiro Gomes na reunião com o prefeito municipal

te, Luiz Alexandre, foram formulados alguns pedidos de apoio ao chefe do executivo municipal, principalmente no que tange à republicação de algumas obras de relevante interesse para a preservação da memória local. Também foi solicitado ao prefeito, na mesma oportunidade, um local adequado para a instalação da sede da academia.

O encontro com Rilva Luís foi considerado, por unanimidade entre os acadêmicos presentes, como bastante proveitoso e promissor.

A AVL, portanto, enseja ao jovem prefeito votos de uma feliz e profícua administração desta nossa centenária cidade, tão carente da atenção e do trabalho de pessoas bem-intencionadas.

POSSE DE ESTÊVÃO MAYA-MAYA

João de Parma, Raimundo Nogueira, Celso Magalhães e Dilú Mello são reverenciados em noite de exaltação da cultura vianense.

"Nesta inesquecível noite, a AVL faz ressurgir, com a dedicação e competência, o professor, músico, compositor e cantor, João de Parma Montezuma e Silva..."

Com estas palavras, Estêvão Maya-Maya iniciou o elogio de seu patrono, no discurso de posse na Academia Vianense de Letras, em cerimônia realizada na Igreja Matriz, na noite do dia 28 de maio último, a qual contou com presença do prefeito municipal, Sr. Rilva Luís, do representante da câmara de vereadores, Sr. José Ismael Abreu, vários professores da rede estadual e municipal e expressiva parcela da comunidade local.

Para uma platéia atenta que lotava a igreja, o maestro Maya-Maya discorreu sobre a singular trajetória de vida desse homem que, ao seu ver, soube dar significativa contribuição à construção de nossa recente história, conforme afirmou: "... a Cidade dos Lagos, numa sucessão de gerações, vem sendo um terreno fértil de onde brotam não apenas tendências, e sim vocações extraordinárias, que culminaram e continuam a culminar num legado que enriquece cada vez mais nosso patrimônio cultural. João de Parma é, certamente, um dos grandes pilares da cultura vianense."

Depois de narrar fatos relevantes da vida do novo patrono da AVL, concluiu: "No limiar do seu duocentésimo quinquagésimo aniversário, a cidade de Viana vem resistindo a desmandos e depredações das mais diversas, inclusive a relegar ao esquecimento seus filhos e filhas de tamanha magnitude como João de Parma. A Academia Vianense de Letras, composta por vigorosos filhos desta terra, em apenas três anos de



O novo acadêmico fazendo seu discurso de posse

existência, tem se mostrado um baluarte nessa luta. Ter sido eleito para também juntar forças e compor a fileira destes abnegados conterrâneos, no seio da AVL, enche-me de felicidade e orgulho."

O maestro Estêvão Maya-Maya, que passou a ocupar a Cadeira nº 23 da AVL, foi empossado oficialmente pelo presidente da casa, Luiz Alexandre Raposo, recebendo então o diploma de acadêmico, sob os aplausos dos presentes. Logo após, o escritor Lourival Serejo fez a saudação de boas vindas ao novo imortal vianense.

Antes do solene ato de posse, a escritora Mundinha Araújo, atendendo ao convite especial da AVL, fez uma ligeira explanação sobre o tema do livro de sua autoria, "Insurreição de Escravos em Viana".

Na oportunidade, Mundinha relatou aspectos interessantes de sua pesquisa, a qual lança luz sobre uma das mais importantes revoltas armadas de escravos, ocorridas no Brasil, até bem pouco tempo completamente desconhecida e aliada da história oficial da escravatura maranhense.

Em seguida, ainda abordando o mesmo tema, um grupo de alunos do Centro Educacional Professor Antônio Lopes apresen-



Maya-Maya emocionou a platéia com seu recital



A luta dos escravos ressurgiu com Mundinha Araújo



Alunos do Centro Educacional Antônio Lopes apresentando "Os Calhambolas" de Celso Magalhães

tou, em forma de jôrgal, o denso e pungente poema de autoria de Celso Magalhães, intitulado "Os Calhambolas". Em 1867, Celso Magalhães, então com 18 anos, ainda residia em Viana e foi testemunha ocular da revolta dos negros em epígrafe, acontecida naquele ano.

O prefeito Rilva Luís pediu licença, ao presidente da mesa, para dirigir-se à comunidade ali reunida. Aproveitando o clima festivo e quase informal, o chefe do executivo municipal falou com simplicidade e franqueza sobre seu desejo e disposição de trabalhar por uma Viana mais humana e, portanto, de melhor qualidade de vida para seus habitantes.

Para encerrar a noite de exaltação da cultura vianense, Estêvão Maya-Maya, acompanhado pelo pianista Alessandro Batista, apresentou um pequeno recital, iniciado com duas peças sacras de autoria do compositor da terra, Raimundo Nogueira. Obras clássicas universais como a *Ave Maria* de Schubert e *Panis Angelicus* de César Frank foram muito aplaudidas. Entretanto, o momento de maior beleza ficou por conta da interpretação das músicas de Dilú Mello, *Fiz a Cama na Varanda* e, principalmente, da emotiva *Saudades do Maranhão*, quando todo o público presente cantou em coro com o novo acadêmico.



Público presente à solenidade de posse do maestro Maya-Maya

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

JÚLIO ARAÚJO AIRES

Lourival Serejo

Júlio Araújo Aires nasceu em 21 de setembro de 1933, no povoado de Itans, então pertencente ao município de Viana. Filho de Filipe Gomes Aires e Francisca Araújo Aires, o menino Júlio aprendeu as primeiras letras com a irmã Zuleide ainda em Itans. No início da década de 40 foi levado para São Luís, a fim de continuar os estudos, concluindo o curso primário no Grupo Escolar Luiz Serra, em 1948.

Seis anos depois, em 1956, concluiu o curso de Técnico em Contabilidade, na Escola Técnica do Comércio do Centro Caxial. Na busca constante pelo saber, bacharelou-se em História e Geografia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Luís (1961). Em 1962, concluiu a Licenciatura, nas mesmas especialidades.

Mudando-se para o Rio de Janeiro, ali ingressou na Faculdade Nacional de Direito, onde

fez os quatro primeiros anos do curso. De volta a São Luís, graduou-se em 1967. No ano de 1970, Júlio Aires ingressou na magistratura maranhense, servindo na Comarca de São João Batista. Depois de longo exercício pelas comarcas de Vargem Grande, Pinheiro, Imperatriz e São Luís, tornou-se desembargador, em 2000, aposentando-se três anos depois.

Ao longo de sua vida, Júlio Aires sempre se dedicou ao magistério, tendo lecionado em diversos colégios, tanto no Rio de Janeiro como em São Luís. Foi professor do Curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão e professor da Escola Superior da Magistratura do Ma-



ranhão, aonde chegou a ser Diretor.

Além de escrever vários artigos para jornais, Júlio Aires publicou sua monografia do Curso de Especialização em Direito Público, pela Universidade Federal de Ceará, intitulada "Direitos do Homem".

Cristão praticante, o ex-desembargador atualmente é Superintendente da Escola Pública Dominical da Igreja Evangélica da Assembléia de Deus e consultor jurídico da mesma Igreja, além de Presidente de honra do Tribunal Arbitral do Maranhão.

Casado com a senhora Maria José Batalha Aires e pai de três filhas, esse cidadão nascido na Baixada sempre se afir-

mou como uma pessoa séria, voltado para sua família, para o trabalho e a religião. Em todas essas atividades deixou a marca de sua seriedade e competência. No discurso de saudação em sua posse no Tribunal de Justiça, o desembargador Raimundo Cutrim assim se referiu ao novo colega: *"homem afável, extremamente cordial, de trato humano inigualável e sempre prestimoso a ouvir não apenas por exigência da polidez, que é inerente a todo homem civilizado, mas antes por uma questão de boa política na vida de relação humana."*

Mesmo distante e sem muita participação em sua terra natal, Júlio Araújo Aires é um vianense que dignifica sua origem, motivo pelo qual foi reconhecido pela Academia Vianense de Letras como apto a ocupar a Cadeira nº 18, patroneada pelo também desembargador e mais tarde governador do Maranhão, Manuel Lopes da Cunha.

MAESTRO MIGUEL DIAS

Um Ícone da Música Vianense

Rogério du Maranhão

Miguel Arcanjo Dias nasceu em Viana no dia 29 de setembro de 1871. Aos onze anos de idade foi levado pelo pai, para São Luís, a fim de ser internado no Colégio Educandos, instituição filantrópica de ensino profissionalizante, voltada à educação de meninos pobres, vindos do interior.

Na escola, o garoto vianense estudaria Música e aprenderia vários ofícios, entre eles o de alfaiate. Após concluir o curso, embora tocasse praticamente todos os instrumentos musicais, destacou-se como trompetista, sendo convidado pela direção da casa a fazer parte do grupo permanente de músicos da orquestra do colégio e permanecer, dessa forma, na capital.

Pouco tempo depois, a orquestra do Educandos recebeu um convite para tocar numa festa em Viana, o que propiciou ao jovem músico, depois de longos anos de ausência, o retorno à cidade natal. O baile realizou-se na residência da famosa professora Cóia Carvalho. Enquanto tocava, observou, no salão, uma moça morena de cabelos escuros, encostada próxima a uma das janelas do solar. Na primeira música em que sua participação não era tão necessária, deixou o trompete sobre a cadeira e foi tirar a moça para dançar. Apaixonou-se de imediato pela jovem, que se cha-

mava Mariana Araújo.

Regressando a São Luís, não pensou duas vezes: desvinculou-se dos compromissos, arrumou suas malas e, de posse do trompete e da máquina de costura, voltou definitivamente à cidade de origem, onde escreveria uma história singular de competência, amor e dedicação à música.

Miguel Dias casou-se com Mariana Araújo e tornou-se pai de sete filhos: Odilon, Josefa (Nhazita), Etéldera, Nair, América, Filomena e Odinéia. A todos, procurou passar os ensinamentos básicos de sua grande paixão. O filho mais velho, Odilon, aos sete anos de idade já tocava trompete e, a exemplo do pai, aprenderia a tocar igualmente todos os instrumentos. Entre as filhas, os destaques ficaram com Nhazita (que tocava harmônio), Etéldera (harmônio e violino) e América (violino).

O grande mérito, entretanto, do Maestro Miguel Dias, foi sua notável contribuição à difusão da música vianense. Residindo no velho sobrado da esquina da Praça da Matriz, que ainda hoje resiste ao tempo, o abnegado maestro criou ali uma escola



particular de música, por cujos bancos passariam mais de uma centena de futuros músicos da terra. Tornou-se até comum, na época, muitos de seus ex-alunos se mudarem para São Luís, a fim de ingressar nos quadros das bandas da Polícia e do Exército. Outros

discípulos iriam mais longe, levando o nome da música vianense além-fronteiras como, por exemplo, Júlio e Pedrinho Neves, Onofre Fernandes e Dilú Mello.

O mais interessante de tudo isso, é que o abnegado maestro não cobrava nenhum centavo pelas aulas ministradas. Ensina-va por prazer e amor à arte. Sustentava-se, e à família, com o salário de delegado e com os recursos obtidos com o trabalho de sua banda e de sua orquestra. Seguiu uma rotina organizada: pela manhã, como autoridade policial, realizava as audiências na sala da frente do sobrado; à tarde, o mesmo local se transformava em oficina de música. Pela noite, até as 21 horas, atendia os alunos que necessitassem de reforço, escrevia músicas ou conservava os instrumentos velhos.

A competência e o esmero do

maestro ganhavam prestígio por toda a Baixada. Dono de um acervo musical riquíssimo, sua orquestra recebia constantes convites para tocar em bailes nos municípios vizinhos. Em Viana, enquanto esteve na ativa, a animação dos largos nas festas religiosas de São Sebastião, São Benedito da Barreirinha, Nazaré e Nossa Senhora da Conceição ficavam ao encargo de sua banda.

Depois de ser acometido por grave enfermidade cardíaca, provavelmente em decorrência dos exercícios prolongados nos instrumentos de sopro, o maestro Miguel Dias faleceu aos 54 anos de idade, no dia 1º de setembro de 1925. Segundo depoimento de uma de suas filhas, América Dias, seu enterro foi o mais bonito já realizado em Viana. Acompanhado pelas Irmandades do Santíssimo Sacramento (da qual fazia parte) e do Coração de Jesus, pelos estudantes do Colégio do Estado e grande número de amigos, admiradores e ex-alunos, o féretro subiu a Rua Grande em direção ao Cemitério 2 de Novembro ao som de duas bandas (a sua e a do também maestro Temístocles Lima), que executavam a marcha fúnebre escolhida por ele próprio, antes de falecer.

Rogério Castro Gomes – **Rogério du Maranhão** – cantor e compositor, ocupa a Cadeira de nº 16 da AVL, a qual tem o Maestro Miguel Dias como patrono

Casa de Seu Gegê



O acadêmico Heitor Piedade Júnior estará lançando, na noite do dia 13 próximo, durante a abertura do IX Congresso Histórico, Cultural e do Meio Ambiente de Viana, em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, o livro intitulado “Casa de Seu Gegê – Um pedaço de Saudade”.

A obra narra as memórias de uma casa, cujo líder foi uma figura singular na sociedade vianense dos meados do século XX. Comerciante, ex-prefeito da cida-

de e responsável, por longo período, pela tradicional festa de São Sebastião, Seu Gegê (Heitor Piedade) soube conquistar a simpatia e o respeito de seus conterrâneos.

Como muito bem traduz o texto da contra-cap do livro, “*não é possível falar-se de Seu Gegê sem que se fale de seus genitores e irmãos, sobre sua Etelvina, seus filhos, sua família, seu lar, sua casa, sua atividade social, comercial e política, enfim sobre a vida de nossa cidade*”.

Casa de Seu Gegê resga-

ta, assim, não apenas a vida de um cidadão vianense e de sua família, mas um pedaço importante da memória local.

Obs.: Sob o título “Casa de Heitor Piedade”, o Renascer Vianense, em sua edição nº 2, fez severa crítica ao Banco do Brasil S/A pela brutal descaracterização da fachada original da Casa de Seu Gegê, para adaptação de sua agência local.

O NARIZ DO MORTO

Lourival Serejo

Depois de 35 anos do lançamento dessa obra, venho eu dizer alguma coisa sobre ela. Parece assunto velho, mas não é. O mais atual exemplo é o *Dom Quixote*, de Cervantes, comemorando este ano, com festas em todo o mundo, seus quatrocentos anos de sucesso.

O nome desse livro, *O nariz do morto*, nunca fugiu de minha memória, desde a primeira vez que o vi, na casa do Prof. Wady Sauáia, nos meus tempos de estudante universitário.

Este ano, com o falecimento do autor, Antônio Carlos Villaça, ocorrido no dia 29 de maio, resolvi adquiri-lo em um sebo.

Muito curioso, atirei-me à leitura de *O nariz do morto*. A cada linha, a cada página, a cada capítulo, fui-me deixando envolver pelo livro.

Ainda bem que não li esse livro antes de escrever *Do alto da Matriz*, pois fatalmente seria contaminado pelo seu estilo e pelas suas análises da vida, por suas angústias e perplexidades. O próprio autor se pergunta e responde: “O que é o homem? Um ser amadurecido pela angústia.”

A maneira como Villaça fez memórias prende o leitor do começo ao fim, ora com identificação, ora com ansiedade, mas sempre procurando as respostas que o autor busca desde o começo do livro: “Convoco minha infância e ela não me atende. Não vejo nada. Só névoa.”

Perdi muito tempo para só agora conhecer uma obra que se inscreve, sem favor, entre os monumentos da nossa memorialística. O interessante é que são memórias que não se restringem apenas ao memorialista, mas à melhor bibliografia de formação de um intelectual, pois os livros, as leituras, as análises que Villaça faz fogem do círculo estreito de uma autobiografia.

A partir dessa leitura, Villaça terá uma lugar respeitável entre meus memorialistas preferidos, com destaque só para os brasileiros: Pedro Nava, Hermes Lima, Cândido Motta Filho, Humberto de Campos e José Américo de Almeida.

Já estou providenciando a leitura das outras duas obras que completam a trilogia das memórias de Antônio Carlos Villaça; *O Anel* e *O Livro de Antônio*.

Por enquanto, só *O Nariz do Morto* já basta para confirmar o prestígio do autor e matar minha curiosidade acumulada por tantos anos.

MAIS UM VIANENSE NA AML

Joaquim Campelo Marques, filho da tradicional família “Campelo”, desta cidade, foi eleito para a Academia Maranhense de Letras, no dia 3 de junho passado.

Com esta última eleição, somam-se três os vianenses com assento na AML, ou sejam: Carlos Gaspar, Lourival Serejo e Joaquim Campelo.

Viana torna-se, assim, o município maranhense com maior número de intelectuais na Academia Maranhense de Letras.

Joaquim Campelo, que irá ocupar a Cadeira nº 24, cujo patrono é Coelho Neto, é editor, diretor e proprietário da Editora Alhambra, responsável por importantes publicações em todo o país. Integra, também, a equipe do conceituado dicionarista Aurélio Buarque de Holanda.

A AVL se congratula com o novo imortal maranhense e lhe deseja sucesso na Casa de Antônio Lobo.

Reivindicações Culturais

No intuito de restaurar a identidade cultural de Viana, vítima de tantas depredações, passaremos a expor, neste jornal, nossas reivindicações, dirigidas principalmente aos senhores vereadores e ao senhor Prefeito Municipal.

Dessa forma, propomos:

1. A substituição das placas nominativas das ruas por novas placas de melhor qualidade estética e visual;
2. O retorno da largura original das calçadas das Ruas Antônio Lopes, Coronel Campelo, Cônego Hemetério e transversais, nos mesmos padrões antigos, estabelecendo-se definitivamente o sistema de mão única para o trânsito de veículos;
3. Aprovação de lei municipal que proíba a cobertura asfáltica das pedras e paralelepípedos das principais ruas que compõem o centro histórico da cidade, mais precisamente a Antônio Lopes, Coronel Campelo, Cônego Hemetério e adjacências;
4. A designação de logradouros públicos com os nomes dos vianenses Astolfo Serra (padre, escritor, historiador e inventor do Maranhão), Manuel Lopes da Cunha (pai dos irmãos Antônio e Raimundo Lopes e também Governador do Estado) e Raimundo Lopes (escritor, etnógrafo, arqueólogo e historiador);
5. A edificação de um monumento na Praça Ozimo de Carvalho, para, como se fosse um Pantheon, homenagear os vultos ilustres de Viana;
6. A volta da exposição permanente, em local apropriado, dos sinos da Igreja Matriz, verdadeiras relíquias históricas, atualmente esquecidos no Palácio Episcopal.

O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459 - Viana - MA
CEP: 65.215-000

